

4

A ação de Deus, a revelação e a historicidade da ressurreição de Jesus

4.1.

Introdução

No capítulo anterior fixamos nossa atenção nas interpretações dos textos bíblicos que narram a ressurreição, passando pela reflexão da questão do corpo do Ressuscitado. Neste capítulo, refletiremos sobre o sentido da fé, como expressão da ação de Deus, na ressurreição de Jesus. Embora tenham existido controversas entre fé na ressurreição e a ressurreição propriamente dita, que ainda não foram dissipadas totalmente, é certo que a fé ocupa um papel fundamental para dar sentido interpretativo, para adesão e compromisso com o Ressuscitado.

A importância da fé ficará melhor caracterizada quando tratarmos da ressurreição como ato de Deus, que continua se revelando. A abordagem desse tópico será sucinta. Bem sabemos das suas implicações na teologia da revelação, na teologia trinitária e na escatologia. Seria certamente uma riqueza refletir sobre esses assuntos a partir da ressurreição.¹³⁹ Porém, seguindo o plano de trabalho de Queiruga, não adentraremos nesses temas. Isso alongaria demasiado nossa pesquisa, comprometendo seu foco.

Veremos também que a revelação manifestada na ressurreição mantém sua coerência na percepção da identidade do Ressuscitado, que é o Crucificado, e que continua sua causa. A vida de Jesus antes da Páscoa é de extrema importância. Essa é a constatação de Queiruga e de outros autores que nos orientam para dar sentido e adesão à ressurreição.

No início deste trabalho nos dedicamos bastante sobre a problemática do Jesus histórico. E nos parece relevante concluí-lo refletindo sobre a questão da historicidade da ressurreição de Jesus Cristo a partir de alguns autores com os quais trabalhamos. Afinal, na cristologia produzida um pouco depois do embate entre teologia liberal e querigmática, e passando por autores mais recentes, como

¹³⁹ E alguns autores citados desenvolvem essas reflexões. É o caso de E. Schillebeeckx, X. Léon-Dufour, G. Faus. Para eventuais consultas sobre esses temas, sugerimos verificar os índices nas respectivas obras desses autores. A referência completa está no nosso elenco bibliográfico.

J. Moingt e Queiruga, ainda há espaço para verificar como é abordada a questão da historicidade da ressurreição. É sobre esse tema que vamos nos ocupar na parte final desse capítulo.

4.2.

O significado da ação de Deus na ressurreição de Jesus

Já refletimos sobre o sentido dos textos bíblicos, as narrativas das aparições e do sepulcro vazio, e percebemos neles a maneira como apontam para o “mais além” de uma possível experiência empírica, quando tratam da ressurreição de Jesus.

Podemos nos firmar no consenso da exegese atual que admite o caráter teológico das primeiras confissões pascais. E sabemos também que a ressurreição é, fundamental e essencialmente, a ação de Deus que liberta Jesus do poder da morte.

Obviamente, caracterizar a ação de Deus no mundo não é tarefa fácil. Foi-se o tempo em que se acreditava, com toda naturalidade, que Deus fazia chover ou não, afastava as doenças ou não, conforme sua vontade. Essas heranças “pré-modernas” podem habitar o imaginário religioso de certo número de pessoas, mas já não são mais admitidas pelas consciências pautadas por um mínimo de rigor de cientificidade dos dias atuais.¹⁴⁰

O pensamento teológico de Queiruga é guiado pela convicção de que Deus não age intervindo pontualmente no mundo. A justificativa dessa postura se dá na intenção de salvaguardar a própria transcendência divina. Essas ideias já plantaram suas raízes na teologia. W. Kasper, por exemplo, dirá que “não se pode, jamais, colocar Deus no lugar de uma causalidade intramundana. E caso Deus se encontre no mesmo nível das coisas intramundanas, então já não seria Deus, senão um ídolo.”¹⁴¹ Essa citação é tirada dentro do contexto mais amplo, em que o referido autor trata sobre os milagres de Jesus narrados nos evangelhos. A reflexão de Kasper, na qual, em parte, se apóia Queiruga, tenderá a encarar as

¹⁴⁰ Essa temática da consciência religiosa dentro da mudança de paradigma é bem desenvolvida por A. T. QUEIRUGA, *Fim do cristianismo pré-moderno*, especialmente no primeiro capítulo, págs. 13-68 e no epílogo, págs. 243-254.

¹⁴¹ W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 112.

narrativas dos milagres muito mais a partir da sua orientação teológica.¹⁴² Queiruga aproveita essa intuição para demonstrar a necessidade de uma mudança de concepção na noção de milagre, não mais concebido como uma intervenção física ou psíquica, que transtorna o curso natural do mundo. Nesse sentido, não é mais preciso admitir a ressurreição de Jesus como um milagre.

Considerando que seja difícil fundamentar a ressurreição de Jesus na categoria de milagre e preservando o caráter teológico dos textos pascais, que exigem séria interpretação, é preciso reconhecer, e Queiruga faz isso usando as palavras de Hans Küng, que há um dilema a ser superado na tratativa da ressurreição de Jesus: é preciso num primeiro momento, perceber a ação de Deus que ressuscita Jesus; depois, aceitar as experiências dos discípulos com Jesus depois de sua morte; e, por outro lado, recusar qualquer noção de intervenção sobrenatural que implique a suspensão das leis naturais.¹⁴³

Queiruga se esforça muito em mostrar que a ressurreição de Jesus é uma “ação real de Deus”, sem interferir no plano concreto do mundo, ou seja, sem interferência empírica. “A ressurreição, apesar da “horrível evidência do cadáver” e a inegável destruição parcial que isso significa, afirma, ao contrário, que essa quebra visível não significa desaparecimento da pessoa como tal, mas – paradoxalmente – sua definitiva e suprema afirmação.”¹⁴⁴ É nesse campo paradoxal que Deus age, tirando da evidência do fim a esperança ativa do recomeço, que é também continuidade. A teologia do Novo Testamento é convicta em afirmar que é Deus quem ressuscita Jesus dos mortos.¹⁴⁵

A convicção da ressurreição tem também outra implicação extremamente relevante. Dizer que Jesus está ressuscitado pela ação de Deus, significa firmar a certeza de que Deus está com Jesus, mesmo diante do significado escandaloso de

¹⁴² Mas é bem verdade que o próprio Kasper assume um substrato histórico das ações de Jesus: “Seria falso deduzir que não haja absolutamente ação alguma milagrosa de Jesus com garantia histórica. Não há nenhum exegeta digno de tomar-se a sério que não admita um substrato fundamental de ações milagrosas de Jesus historicamente certas.” W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 110. Esse tópico interessante pode ser lido nas páginas 108-137.

¹⁴³ Cf. A. T. QUEIRUGA, *Repensar a Ressurreição*, p. 95.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 100.

¹⁴⁵ Entretanto, com o passar do tempo foram surgindo fórmulas nas quais o próprio Jesus é o sujeito da ressurreição. São exemplos as confissões provavelmente pré-paulinas, de 1 Ts 4, 14 e as alusões do quarto Evangelho. Para Queiruga isso se explica na compreensão da ação criadora de Deus e a ressurreição de Jesus é um modo operante do Deus que cria e continua criando. “A ação criadora de Deus, por seu caráter transcendente, não concorre com a criatura, mas “faz com que ela seja” e se exerça em sua própria ação: quanto mais Deus ressuscita a Cristo, mais é Cristo mesmo que ressuscita.” *Ibid.*, p. 101.

sua morte, uma morte carregada de maldição. Também nesse aspecto, a proclamação da ressurreição de Jesus implica em assumir algo totalmente novo e inusitado, pois a ideia de um messias crucificado não está nem um pouco de acordo com a expectativa do Antigo Testamento e é bastante contrária às esperanças do messianismo judaico. A morte de cruz é, dessa forma, a ruptura com as Escrituras e com o judaísmo.¹⁴⁶ Conceber a ressurreição de Jesus como um ato de Deus, significa dizer também que as razões oficiais que o levaram à morte não são aceitas por aqueles que afirmam a sua ressurreição e, em definitivo, Deus não está do lado dos acusadores e se coloca ao lado de Jesus confirmando tudo aquilo que ele viveu e ensinou sobre o ser de Deus. Além disso, como bem observa W. Pannenberg, no contexto da época, era impossível conceber tal acontecimento senão realizado pela ação e vontade de Deus. E a própria pregação cristã primitiva entendeu o evento da ressurreição de Jesus dentre os mortos, também como uma afirmação de sua pretensão pré-pascal. Isso é bem expresso, por exemplo, na forma de falar do livro dos Atos dos Apóstolos: “Saiba, portanto, toda casa de Israel, com certeza: Deus constituiu Senhor e Cristo, a esse Jesus que vós crucificastes”, 2, 36, cf. também, 3, 15; 5, 30.¹⁴⁷

Flávio Josefo, em seu famoso texto conhecido como *Testimonium Flavianum* diz que quando Pilatos, por causa de acusações feitas pelos principais homens daquela sociedade, condenou Jesus à morte, os que antes o haviam amado não deixaram de fazê-lo. É nessa mesma perspectiva que Tertuliano dirá que o sangue dos mártires é semente de cristãos.¹⁴⁸ Só a convicção interior de que a morte de Jesus foi injusta e de que ele estava em Deus e Deus estava com ele é que proporcionou a abertura suficiente para adentrar no mistério da sua ressurreição. E foi justamente essa mesma convicção que impulsionou seus discípulos a continuarem sua causa, muitas vezes, enfrentando o mesmo destino do mestre. Nas palavras de Schillebeeckx, “a ressurreição, como ação de Deus em Jesus e com ele, não apenas confirma a mensagem de Jesus e a praxe de sua vida;

¹⁴⁶ Cf. J. G. FAUS, *La humanidad nueva*, p. 128. Gonzáles Faus mostra o esforço teológico presente no Novo Testamento para ressignificar a morte de Jesus. Uma audácia, carregada de escândalo e loucura, conforme assume o próprio Paulo ao pregar um messias crucificado (1 Cor 1, 23), ou um messias que foi feito maldição (Gl 3, 13). Essa consciência surge graças à capacidade de reflexão das primeiras comunidades em interpretar a vida de Jesus e aplicar nela o sofrimento e enfrentamento da morte como o destino dos profetas, “justos” e do “servo”, temas esses resgatados nas diversas fases da consciência religiosa judaica. Cf. *Ibid.*, pp. 128-136.

¹⁴⁷ Cf. W. PANNENBERG, *Fundamentos de cristologia*, p. 84.

¹⁴⁸ Cf. A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 155.

revela também sua pessoa como indissolivelmente unida com Deus e com a mensagem de Deus.”¹⁴⁹

Além disso, aquele que morreu como blasfemo, cuja vida deveria ser esquecida, está ressuscitado como o ‘amém’ do Pai. Eis como Queiruga interpreta esse evento:

Sem a ressurreição Cristo deixara de ser ele mesmo; no máximo seria o maior e o melhor na linha dos profetas; mas, definitivamente, um fracassado na larga lista dos que, com generosidade e ilusão, quiseram elevar o nível da humanidade. O Pai quedaria em sua distância e em seu silêncio, não sabemos se impotente ou desinteressado, frente a tragédia do sofrimento humano.¹⁵⁰

Deus não se faz silêncio, ao contrário, se faz palavra encarnada, conforme lemos na teologia joanina e agora se faz palavra viva ao ressuscitar Jesus. Esse ato de Deus, em seus múltiplos significados, joga um facho de luz, intenso e luminoso, sobre a vida de Jesus. Uma vida reveladora da realidade de Deus que deseja a realização plena do ser humano.

4.3.

A revelação de Deus na ressurreição de Jesus

As narrativas bíblicas concordam que os discípulos só reconheceram Jesus quando ele já não mais se fazia presente. Isso fica bem evidente na aparição aos discípulos de Emaús. Nessa narrativa, Jesus se dá a conhecer, e sua eficácia se situa muito mais no campo da palavra comunicada do que na manifestação visual. “A narrativa indica claramente que eles não deveram a uma presença física insistente, ao controle obstinado da experiência sensível, a certeza da volta de Jesus à vida, mas que receberam de uma revelação dirigida ao seu coração, tanto quanto a seu espírito, bem mais que a seus sentidos.”¹⁵¹ Esse conhecimento que é graça, só pode ser recebido na gratuidade da fé.

Essa percepção só pode ser bem compreendida quando se supera o conceito apologético milagroso da ressurreição. Na verdade, a teologia nas últimas

¹⁴⁹ E. SCHILLEBEECKX, *Jesus: a história de um vivente*, p. 647.

¹⁵⁰ A. T. QUEIRUGA, *Repensar la cristología*, p. 158.

¹⁵¹ J. MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 317.

décadas, principalmente depois da *Dei Verbum*,¹⁵² tem se esforçado para compreender a revelação numa perspectiva bem menos apologética e muito mais histórica.

Uma leitura mais atenta dos textos bíblicos permite perceber que a fé na ressurreição de Jesus ganhou força à medida que foi partilhada e comunicada. Aquilo que do ponto de vista histórico começou como um rumor, gradativamente, se tornou a revelação da Boa Nova. E, como observa Queiruga, assumir a dinâmica reveladora da ressurreição, no seu caráter transcendente, e ao mesmo tempo, dispensando qualquer referência ao milagroso constatado empiricamente não faz perder nada de seu significado. “A revelação é real, não porque Deus tenha de “entrar no mundo”, irrompendo em seus mecanismos, físicos ou psicológicos, para fazer sentir uma voz milagrosa; é real porque ele já está “falando” desde sempre no gesto ativo e infinitamente expressivo de sua presença criadora e salvadora.”¹⁵³ A leitura crítica da Bíblia mostrou com enorme clareza que podemos aceitar a realidade da presença divina na história da salvação, na história da humanidade, acolhendo sua revelação a partir daquilo que as narrativas manifestam, sem sermos, obrigatoriamente, prisioneiros da “letra” dessas mesmas narrativas.

A revelação requer sempre e necessariamente a exteriorização pública. Por essa razão, a ressurreição de Jesus só se torna efetivamente revelação quando se exterioriza como acontecimento público da palavra que, como diz Moingt, é a “assinatura irrecusável de Deus” à favor de Jesus. Dessa forma, quando se fala de revelação e ressurreição não há que se pensar em dois acontecimentos sucessivos e de naturezas distintas. Há um vínculo unindo o acontecido com Jesus ao que se diz ter acontecido com ele. E se trata de um fato revelador porque não é comunicado somente o ocorrido com Jesus em benefício dele mesmo. “A ressurreição do Primogênito dentre os mortos não é um ato absolutamente solitário, mas primícias da ressurreição universal.”¹⁵⁴ A ressurreição é palavra reveladora porque insere pessoas em seu contexto e se torna um ato fundador e agregador de mais e mais pessoas que se fiam na promessa de ser a ressurreição de Jesus para todos.

¹⁵² Estamos nos referindo principalmente a teologia católica.

¹⁵³ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a Ressurreição*, p. 104.

¹⁵⁴ MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 326.

A narrativa da ressurreição tem um valor de revelação manifestado num duplo testemunho: é uma revelação recebida de Deus; e comunicada como acontecimento de encontro com Jesus. É muito interessante a observação feita por Moingt quando fala das narrativas bíblicas:

Os evangelistas, pondo no primeiro plano de suas narrativas a incredulidade obstinada dos discípulos, de preferência a uma aceitação espontânea dessas aparições, não nos pedem que confiemos nas evidências sensíveis das quais se tivessem beneficiado, e que creiamos no que tivessem tido o privilégio de ver. Bem ao contrário, eles nos advertem de que tiveram de se render, apesar das hesitações e das resistências dos próprios sentidos, à autoridade de uma única revelação capaz de lhes dar a evidência da ressurreição de Jesus e de lhes prescrever que a testemunhassem; e exortam-nos a crer nela, como eles mesmo o fizeram, sob a autoridade da palavra de Deus.¹⁵⁵

Entretanto, isso não pode nos induzir a crer que as primeiras testemunhas acreditaram na ressurreição de Jesus por uma suposta revelação puramente interior. Ao contrário, há a firme convicção de que relatam a certeza de um acontecimento por eles experimentado e vivido. Essa certeza, no entendimento de Moingt, chega até eles como uma “revelação que se faz na sua história”, uma história que é contada e partilhada.¹⁵⁶ É certo, como nos diz Léon-Dufour, que “Deus tem falado em seu filho Jesus, quer dizer, não através de uma personalidade singular que se tivesse expressado à margem de sua época.”¹⁵⁷ Jesus é o Verbo de Deus carregado da palavra reveladora de Deus, conjugado na história durante o curso de sua vida. Esse é também o modo de Deus se revelar.

É natural admitir que alguma coisa se passou. Algo que efetivamente tenha marcado a convicção da presença de Jesus na evidência de sua ausência. De algum modo Jesus se tornou uma realidade viva. Para Moingt essa iniciativa é de Jesus, o que garante a atividade da parte de Deus em ressuscitar seu filho. “De uma fração do pão a outra, ele (Jesus) atuou de novo, unicamente por sua iniciativa. Os laços de sua existência comum, na sua ressurreição, entraram na vida deles (apóstolos) como um fato de vida, como um acontecimento de suas próprias vidas.”¹⁵⁸

Certamente é preciso salvaguardar o papel determinante de Deus. Considerando que seja impossível descrever e demonstrar empírica e

¹⁵⁵ MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 326.

¹⁵⁶ Cf. *Ibid.*, p. 319.

¹⁵⁷ X. LÉON-DUFOUR, *Resurrección de Jesús y mensaje pascual*, p. 292.

¹⁵⁸ J. MOINGT, *op. cit.*, p. 320.

historicamente a ressurreição em si mesma, e, mais ainda, tendo em conta o caráter simbólico-teológico dos textos bíblicos que narram esse evento, é preciso um esforço bastante grande para evitar qualquer reducionismo interpretativo. Um deles pode vir das simplificações feitas a partir da teologia querigmática de Bultmann, por exemplo. Admitindo a impossibilidade de acessar o Jesus histórico e considerando o caráter mítico dos textos da ressurreição, pode-se atribuir que tal acontecimento seja uma construção teológica das primeiras comunidades, que ganhou força na pregação apostólica. A sutileza está em assumir a ressurreição unicamente como uma construção teológica. É claro que a ressurreição de Jesus é apresentada, desde as narrativas mais antigas até essas mais recentes sob a aparência de “historicidade”, numa perspectiva perpassada por uma abstração de natureza teológica. O que se quer evitar é colocar a ação mesma da ressurreição de Jesus no enredo da passividade de Deus, numa inversão drasticamente errônea, na qual a pregação apostólica seria a fonte ativa da ressurreição de Jesus. “Quem, como Bultmann, identifica a ressurreição com a pregação atual da Igreja, prontamente tenderá em declarar como lendárias todos os relatos que “materializam” a fé.”¹⁵⁹

Embora seja complexo determinar o que se passou na consciência dos discípulos a fim de operar uma mudança radical de postura, é certo afirmar a ocorrência de uma experiência impactante. Para Moingt há, nessas narrativas, um testemunho que caracteriza um acontecimento de presença. Essa categoria também é desenvolvida por Queiruga. Para ambos os autores, “presença” não é entendida no sentido empírico, mas na perspectiva de uma sensibilidade que percebe um “espaço”, antes vazio, agora novamente preenchido. Nesse sentido, as narrativas não servem para fazer crer em tudo o que se passou, mas sim para testemunhar um reencontro. “Um acontecimento de presença não se reduz a um fato puro e simples, não resulta de uma pura e banal constatação empírica; ele se produz em uma troca de reconhecimento, e nisso é que é simbólico.”¹⁶⁰ É possível, assim, falar de encontro que comunica. Uma comunicação não só entre aqueles a quem Jesus apareceu, mas também entre aqueles que partilharam dessa experiência. “A presença de Jesus se faz entender como acontecimento de

¹⁵⁹ X. LÉON-DUFOUR, *Resurrección de Jesús y mensaje pascual*, p. 281.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 218

encontro, quando ele põe os discípulos em condições de comunicar uns aos outros que ele restabeleceu contato com eles.”¹⁶¹

Tal categoria também é trabalhada por Léon-Dufour. “Os evangelhos nos permitem atualizar o que pode ser hoje a “presença” do Senhor que não se reduz em estar cara a cara ou a uma relação exclusivamente individual: há uma estrutura norteadora que se mostra nessa sequência: iniciativa, reconhecimento e missão.”¹⁶² A iniciativa é sempre de Deus que torna presente o Ressuscitado através do anúncio das primeiras manifestações de sua ressurreição, do querigma apostólico e do anúncio eclesial, como extensões da dinâmica reveladora de Deus.

Havia uma ligação entre Jesus e os discípulos, que foi interrompida pela sua morte. A ressurreição restabelece novamente essa ligação de vivência. Eventualmente, essa ligação pode ser pensada somente no nível psicológico, o que dispensaria a necessidade da ressurreição. É preciso lembrar que estamos adentrando no campo da fé. “E a fé não consiste em crer no fato puro e simples e sim em qualificá-lo: Jesus é ressuscitado na glória de Deus.”¹⁶³ Não se trata somente da lembrança de quem já morreu, trata-se do reconhecimento de exaltação daquele que vive.

É o momento do salto da fé. O que não significa dizer um salto no irracional e nem mesmo uma aposta nos moldes de Blaise Pascal, mas de admitir a gratuidade da graça.

Por esse motivo, seria faltar à gratuidade da fé tanto recusar-lhe a aceitação racional que o exame crítico da narrativa pode conseguir, na medida em que ele o pode, quanto querer dotá-la de provas históricas em boa e devida forma, supondo que isso seja possível. A fé não nos obriga a crer, já o dissemos, na realidade histórica de tudo que os discípulos contaram; mas a manifestação de Jesus ressuscitado, pertence à história da salvação, assim como sua ressurreição, pede que creiamos ter essa manifestação ocorrida na história vivida por eles, e tudo o que é atribuído a história requer um estudo racional da narrativa, como fizemos. Não é da natureza da fé, tampouco, dar certezas históricas ou transformar em certeza o que seria plausível ou duvidoso aos olhos da razão; no entanto, fazendo-nos partilhar a fé dos discípulos, ela permite a comunhão com a certeza que tiveram da presença do Senhor.¹⁶⁴

Gradativamente vamos chegando à conclusão de que a ressurreição de Jesus revela uma forma impactante de presença que dispensa a constatação empírica e

¹⁶¹ X. LÉON-DUFOUR, *Resurrección de Jesús y mensaje pascual*, p. 321.

¹⁶² *Ibid.*, p. 310.

¹⁶³ J. MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 321.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 322. A citação é longa, mas seria pena não transcrevê-la dada a clareza da sua argumentação.

se fortalece na certeza da fé. E essa revelação de Deus mostra a outra face da ressurreição: Jesus é ressuscitado por Deus, na mesma identidade para dar sequência à sua causa e envia seus discípulos a trabalharem por essa mesma causa.

4.4.

Identidade, continuidade e envio

Um aspecto que merece ser destacado é o da identidade do Ressuscitado. E esse acaba sendo um tema controverso porque mesmo entre aqueles que negam a historicidade da ressurreição, há a convicção em assumir a identidade do Ressuscitado. Para Queiruga, por exemplo, os discípulos creram e confessaram que Jesus de Nazaré, injustamente condenado à morte, foi ressuscitado por Deus.¹⁶⁵ E o mesmo é afirmado da sua exaltação como glorificado e entronizado no mistério de Deus. É a afirmação de identificação do Exaltado na continuidade do vivente que foi crucificado: “Vede minhas mãos e o meu lado!” (Jo 20, 20). “Não é com um Cristo indiferenciado com o qual nos encontramos, senão com aquele que tem dado sua vida por seus amigos. O necessário retorno ao passado é, portanto, retorno ao evangelho de amor e da morte.”¹⁶⁶

É essa identificação que garante a continuidade da causa de Jesus. Ele morreu por uma causa e sua ressurreição faz com que essa mesma causa permaneça viva e atuante. Por isso, independente da abordagem que se faça sobre esse tema, não se pode separar Jesus de sua causa. “Tendo em conta a peculiaridade específica do acontecimento pascal, ambos são inseparáveis. Não é possível que esta causa continue se Jesus não estiver vivo e presente.”¹⁶⁷ Nesse sentido, a palavra sobre a ressurreição é implicativa. “Por isso que a fé na ressurreição de Jesus de Nazaré, não é proclamar a memória de um personagem do passado, nem sequer limitar-se a anunciar a sua exaltação à plenitude divina, mas também inclui seguimento.”¹⁶⁸

¹⁶⁵ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 140.

¹⁶⁶ X. LÉON-DUFOUR, *Resurrección de Jesús y mensaje pascual*, p. 311.

¹⁶⁷ A. T. QUEIRUGA, *op. cit.*, p. 143.

¹⁶⁸ *Ibid.*, p. 143.

A pregação apostólica contida nos escritos neotestamentários enxerga bem essa realidade. E não obstante o fato de atestarem, por diversas fórmulas, a exaltação de Jesus, agora elevado à condição de Cristo, o fazem na consciência segura de que o Messias exaltado não é outro senão o vivente crucificado. De fato, o Novo Testamento é construído a partir da experiência pós-pascal, que soube articular bastante bem esse duplo movimento cristológico: a cristologia do alto, onde Cristo sai da sua glória e se esvazia humanizando-se para humanizar a humanidade; e a cristologia de baixo, onde Jesus, na vivência autêntica e fiel da sua humanidade faz por desvelar sua divindade, em certo sentido, para divinizar a nossa humanidade.

Por conseguinte, a experiência da ressurreição pode e deve ser recuperada no próprio significado desse evento na vida de Jesus. “A escuta de sua palavra, o seguimento de sua conduta, a sintonia com sua atitude, são a melhor maneira de iniciar-se no significado autêntico da ressurreição, que não é algo “anexado” a sua vida, senão a eclosão, em definitivo, do que nela já está ocultamente presente.”¹⁶⁹

Esse aspecto carece ser sempre mais refletido e recuperado na leitura feita da ressurreição. Pois, ele aponta para um estilo de vida, vivido de forma comprometida e bem na contramão de uma situação religiosa que mantinha convicções bastante elitistas. A ressurreição de Jesus indica que suas opções e maneira de viver continuaram vivas na consciência de cada membro da comunidade. Indica também, que seus desejos e projetos continuaram vivos. A insistência nas narrações evangélicas de “ver”, “tocar” e “comer” com o Ressuscitado querem mostrar muito mais que “provas empíricas”. Indicam que a vida de Jesus foi autêntica e, assim sendo, ela está ressuscitada. Essa experiência dos apóstolos em “encontrar” com o Ressuscitado mostra que a vida dele constitui um paradigma e uma referência segura para onde esses mesmos apóstolos devem caminhar.

E é justamente essa vida autêntica, partilhada com os discípulos que ajuda a fundamentar a fé na ressurreição de Jesus. Por isso, desde as primeiras manifestações do Ressuscitado há a percepção do envio. A ressurreição de Jesus é marcada por essa convicção: uma vez feita a experiência de fé e determinada a adesão, o passo seguinte é o anúncio. Dessa forma, a ressurreição não é uma espécie de “prêmio de consolo” para aqueles que viram o seu mestre padecer.

¹⁶⁹ A. T. QUEIRUGA, *Repensar la cristología*, p. 159.

Essa afirmação é justificada pelo fato de que as experiências de “encontro” com o Ressuscitado se deram principalmente com aqueles que tinham tido uma convivência anterior com Jesus. É essa experiência primeira que agora é otimizada depois da ressurreição.¹⁷⁰

Como diz Léon-Dufour, o primeiro contato com o Ressuscitado está condicionado à linguagem do tocar e do ver, e já carrega o reconhecimento da identidade daquele que está presente. “O reconhecimento se realiza, como em Emaús, no momento em que o Senhor desaparece e a alegria dos discípulos é total depois que o Senhor se separou deles.”¹⁷¹ Obviamente, não é a alegria motivada pela ausência de Jesus, é justamente pela convicção de sua presença sentida e significada pela fé. E o mesmo texto é ainda teologicamente significativo quando mostra a outra face da ressurreição, que é o envio. Num primeiro momento, é evidente a frustração por causa do aparente fracasso ocorrido em Jerusalém, e depois é justamente para lá que eles retornam e anunciam: é verdade! O Senhor ressurgiu! (cf. Lc 24, 34).

Reforçando o papel da fé na compreensão da ressurreição como identificação e continuidade da causa de Jesus, Léon-Dufour dirá que “o encontro cara a cara não desemboca numa visão, mas essa só é dada pela fé. Este é um dos caminhos da fé que parte do Jesus terreno para descobrir a Cristo ressuscitado.”¹⁷² Essa é a forma de se alcançar a concepção semítica da verdade, que se faz no diálogo e na experiência. Parece não ser de todo exagerado dizer que o diálogo e a experiência com Jesus no curso de sua vida foram determinantes para os discípulos firmarem a convicção na verdade da ressurreição. “Maria Madalena não se voltou para o Senhor porque o viu, mas porque o ouviu pronunciar seu nome.”¹⁷³ É por conta dessa intensa intimidade que o “antes” não acaba e continua no “depois”. E também essa cena guarda aquele sentido da ressurreição sobre o qual estamos tratando: “vai anunciar aos meus irmãos!” E Maria anunciou. (cf. Jo, 20, 17-18). E, conclui Léon-Dufour, “se pouco depois ela, (Maria Madalena) dá testemunho de que “viu” o Senhor, é porque o termo “ver” já perdeu sua conotação sensível.”¹⁷⁴ Trata-se de um ver que desperta o crer, só compreendido a

¹⁷⁰ Obviamente Paulo é uma exceção ao que estamos afirmando.

¹⁷¹ X. LÉON-DUFOUR, *Resurrección de Jesús y mensaje pascual*, p. 308.

¹⁷² *Ibid.*, p.308.

¹⁷³ *Ibid.*, p.308.

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 308.

partir da fé. E é a fé que impulsiona os discípulos a cumprirem o mandamento do envio: “Ide, portando e fazei que todas as nações se tornem discípulas.” (Mt 28, 19).¹⁷⁵

Existe um vínculo entre a ressurreição de Jesus e a história dos apóstolos, estendido para a história humana e é marcado pela relação entre as aparições de Jesus aos discípulos e seu envio em missão. Dessa forma, a ressurreição ganha essa conotação de continuidade. É o que demonstra Moingt:

Esse vínculo nos ensina, antes de tudo, que a intenção de Jesus não é simplesmente fazer constatar sua ressurreição, mas “se dar uma sequência”, uma vez que, do mesmo modo, a missão conferida aos discípulos não para no testemunho de sua volta à vida, mas consiste em prosseguir sua pregação do Evangelho do Reino.¹⁷⁶

Isso reforça bastante a convicção dos próprios apóstolos que não se sentiram sozinhos como continuadores da missão iniciada por Jesus, missão da qual eles mesmos participaram. A missão continua sendo de Jesus e eles não o substituem. É o próprio impulso da ressurreição, experimentado pela fé, que dá a firmeza da permanência de Jesus, e Ele permanecerá, no meio deles todos os dias até a consumação dos séculos. (cf. Mt 28, 20).

4.5. A historicidade da ressurreição de Jesus

Depois de tudo o que temos visto desde o início do nosso trabalho, convém levá-lo a termo abordando mais uma vez a questão de fundo que, assim pensamos, perpassou nossa reflexão: em que sentido é possível afirmar a historicidade da ressurreição de Jesus?

Vimos no primeiro capítulo que R. Bultmann se nega a buscar as raízes históricas da fé. A fé cristã não está interessada pela questão histórica. E no que se refere à ressurreição de Jesus Cristo, já vimos isso, os textos das aparições e do sepulcro vazio não podem inspirar confiança histórica, pois são perpassados pela linguagem mítica. A conclusão de Bultmann é bastante convicta: Jesus é

¹⁷⁵ Certamente é uma fórmula de uso litúrgico, mas que testemunha bastante bem a consciência da comunidade ao interpretar a ressurreição de Jesus na perspectiva da missão e envio.

¹⁷⁶ J. MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 323.

ressuscitado no querigma da Igreja. Historicamente, é isso que se pode saber sobre a ressurreição. É o máximo a que se pode chegar.

A cristologia recente é mais sensível a esse tema, pois ela não está disposta, como Bultmann, a abrir mão da pessoa de Jesus para plantar as raízes da fé tão somente no querigma primitivo.

Nossa proposta é passar por alguns autores que nos acompanharam nesse percurso e perceber suas convicções sobre a historicidade da ressurreição. Esses autores enfrentaram a problemática moderna acerca do Jesus histórico e desenvolvem suas abordagens sobre a ressurreição sempre com essa questão de fundo.

4.5.1.

Walter Kasper e a historicidade do testemunho

Para Kasper, os testemunhos sobre a ressurreição falam de acontecimentos que transcendem o âmbito do historicamente constatável e, por isso mesmo, representam um limite exegético-teológico. No seu modo de entender, a teologia clássica não deu a devida importância à questão hermenêutica dos testemunhos sobre a ressurreição e cedeu à tentação marcadamente apologética, usando esses mesmos textos para fundamentar a fé pascal. Mais ainda, cedeu também à tentação de querer provar a ressurreição de Jesus como um fato histórico, insistindo de forma exagerada nos relatos do sepulcro vazio e das aparições. “Com se isso despreza a discussão sobre a ressurreição, lançando-a para uma questão periférica e marginal. Porque a fé pascal não é primeiramente fé no sepulcro vazio, senão no Senhor exaltado e vivente.”¹⁷⁷

De fato, Kasper insiste nesse equívoco da apologética tradicional. Aquilo que se manifestou como um signo da ressurreição tornou-se, pretensa e equivocadamente, a “prova” histórica dela mesma.

Claro que os teólogos posteriores a Bultmann não poderiam ficar isentos de refletir sobre a ressurreição sem passar pela discussão acerca do Jesus histórico. A impressão que se tem é que, para Bultmann, no evento da ressurreição não ocorreu praticamente nada com Jesus Cristo, mas sim com os discípulos. Páscoa e

¹⁷⁷ W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 116.

origem da fé pascal se identificam. Disso se deduz, e Kasper não aceita essa dedução, que a posição de Bultmann reduz a fé na ressurreição, a fé pascal, numa soteriologia que, em última análise, é uma eclesiologia. Afinal, tudo depende exclusivamente do querigma e este não depende de mais nada.

Atualmente, parece pouco produtivo encarar as narrativas da ressurreição de Jesus desde o ponto de vista histórico. Porém, cair no extremo oposto também gera um tipo de teologia que Kasper não pretende aceitar. Então, ele busca, em sua reflexão, harmonizar os dados bíblicos com a realidade histórica, chegando assim a um maior equilíbrio quanto a essa temática. Tal ponto de equilíbrio é fornecido pela categoria de “signo”. Ainda que se quisesse suspender algum juízo sobre a historicidade ou não dos textos bíblicos, eles continuariam cumprindo sua função de signos, uma vez que não dizem algo determinado e objetivo sobre um evento, apenas apontam para ele. Noutras palavras, o signo não é suficiente para explicar porque não tem essa finalidade, mas é muito suficiente para significar, ou dar sentido à realidade da qual é signo. A título de exemplo, o sepulcro vazio não prova, nem explica a ressurreição, mas é um signo que tende a excluir qualquer classe de docetismo.¹⁷⁸

Uma vez determinado que os textos bíblicos são signos da ressurreição, Kasper vai assumir, na sua cristologia, que só é possível entrar em contato com a verdade e a realidade da fé expressas na ressurreição por meio do testemunho apostólico. É nessa perspectiva que ele interpreta o texto de Romanos 10, 14-15.17: Como vão acreditar sem ter ouvido? E como vão ouvir se ninguém prega? E como alguém vai pregar se não é enviado?¹⁷⁹

Mesmo assumindo a irrevogável importância do testemunho apostólico, quando trata do espinhoso tema da historicidade da ressurreição, Kasper faz questão de ressaltar que não foi a fé que fundou a realidade da ressurreição, mas justamente o contrário. Foi a presença do Ressuscitado, impondo-se aos discípulos, que fundamentou a fé.

Não obstante o desejo de determinar o acontecido na ressurreição, para Kasper, a questão definitiva não pode ser essa. Trata-se, isso sim, de saber da

¹⁷⁸ W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 167.

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 170. Já referimos isso: as aparições do Ressuscitado também são compostas de um mandato de envio.

disponibilidade de cada cristão, na mesma medida que os primeiros, de se deixar possuir por Cristo. Por isso ele dirá:

Se a fé pascal e, portanto, a fé em Cristo repousa sobre o testemunho dos apóstolos, então não nos é acessível de outra maneira senão através do testemunho apostólico, transmitido na Igreja como comunidade de crentes. Somente neste e por este testemunho o Cristo ressuscitado permanece realidade atual, por seu espírito na história; pois uma realidade histórica só pode ser conhecida na história. Nesse sentido, e somente nesse, se pode dizer que Jesus tem ressuscitado no querigma. Jesus é a perene presença na história através do testemunho da Igreja apostólica.¹⁸⁰

Certamente há sutilezas nessa citação, sobretudo, quando se trata de um autor que não quer assumir as posições de Bultmann, mas também não quer se fiar na confiança do historicismo liberal. Fundamentalmente, Kasper admite que a fé na ressurreição é histórica, uma vez que ela se faz presente na pregação apostólica, acolhida no querigma eclesial. Da ressurreição propriamente dita, ele se esquia de definir. A justificativa se dá pela impossibilidade de alcance. A salvaguarda da historicidade da ressurreição está na força do querigma nascido do encontro com o Ressuscitado, encontro que desperta para a fé pascal, origem do querigma, e este não é produto da fé.

Diante da questão da historicidade da ressurreição de Jesus, se bem conseguimos captar o pensamento de Kasper, fica indefinido se a ressurreição em si mesma é histórica, mas é possível admitir que a fé na ressurreição de Jesus, essa sim, é historicamente percebida.

4.5.2. Pannenberg e a historicidade da ressurreição

Outro autor que também enfrenta a questão da historicidade da ressurreição de Jesus é W. Pannenberg. Ele desenvolve sua crítica à teologia querigmática de Bultmann e sustenta a historicidade da ressurreição. E também afirma a possibilidade de atribuir valor de verdade histórica aos eventos das aparições e do sepulcro vazio narrados pelos textos bíblicos. “Aquilo que é expresso na linguagem da esperança escatológica tem que ser afirmando como um evento historicamente acontecido.”¹⁸¹

¹⁸⁰ W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 174.

¹⁸¹ W. PANNENBERG, *Fundamentos de cristología*, p.122.

Não é convincente, para esse autor, o argumento de que a possibilidade histórica da ressurreição de Jesus, como o ato de recobrar uma vida imperecível seja uma contradição às leis da natureza. Em resposta a esse argumento, ele recorre aos pressupostos da física moderna. “Em primeiro lugar, se conhece sempre somente uma parte das leis da natureza. Por outra, em um mundo que, como conjunto, apresenta um singular processo irreversível, o fato individual nunca fica determinado por completo pelas leis da natureza.”¹⁸² Além disso, as leis da natureza compõem uma parte do amplo espectro de percepção da realidade e, por isso, insuficientes para determinar a sua totalidade.

A outra objeção a que Pannenberg responde é no âmbito teológico. Desde o ponto de vista de algumas posições teológicas seria impossível afirmar a ressurreição de Jesus como um evento acontecido historicamente, porque na ressurreição dos mortos, o resultado seria caracterizado numa forma distinta de ser, teoricamente desprovido de materialidade.¹⁸³ “O historiador, com certeza, deveria julgar conforme as normas do “antigo ser” e, por conseguinte, não poderia dizer nada a respeito da ressurreição dos mortos.”¹⁸⁴ Certamente, a vida do Ressuscitado configura-se numa realidade de nova criação e não pode simplesmente ser perceptível no mundo ao modo das demais realidades. Então, Pannenberg dirá que o “novo ser” ressuscitado só poder ser experimentado mediante o modo extraordinário chamando “visão” e designado somente por meio de uma linguagem simbólica. Mais ainda, ele sustenta que, nesse modo inusitado de se encontrar com o Ressuscitado, ocorrem algumas manifestações diretas a determinadas pessoas concretas dentro dos moldes dessa realidade presente em determinado espaço de tempo e num número preciso de acontecimentos. Esses acontecimentos devem ser afirmados como históricos. Negar o conceito de acontecimento histórico desses eventos implica, igualmente, em negar a ressurreição de Jesus, ou as aparições do ressuscitado como algo realmente acontecido no tempo.

Então Pannenberg não se deixa convencer pelos argumentos que tendem a descaracterizar a historicidade da ressurreição de Jesus:

Não existe nenhuma razão aceitável para afirmar a ressurreição de Jesus como um acontecimento que realmente ocorreu, caso não seja possível certifi-cá-lo assim,

¹⁸² W. PANNENBERG, *Fundamentos de cristologia*, p. 122.

¹⁸³ Esse é o pensamento de Queiruga.

¹⁸⁴ W. PANNENBERG, *op. cit.*, p. 123.

desde o ponto de vista histórico. Não é a fé que nos dá a certeza de que determinado acontecimento se realizou ou não se realizou, há dois mil anos; mas somente a investigação histórica, na medida em que se possa chegar à certeza em semelhante matéria.¹⁸⁵

A investigação histórica constitui, então, o único caminho para conseguir uma certeza, pelo menos aproximada, referente aos acontecimentos de uma época passada.

Obviamente não é nossa intenção adentrar na densidade dessa cristologia, é, tão somente, apresentar a posição de Pannenberg sobre a historicidade da ressurreição. A conclusão alcançada é que, para ele, a ressurreição de Jesus é um evento acontecido historicamente no mundo. Fatalmente, vem a pergunta sobre o papel da fé. Podemos objetar que, nesse caso, é inevitável embasar a fé numa certeza puramente racional. Para Pannenberg, a fé se faz necessária para assumir as conseqüências daquilo que ocorreu na história. Ainda, é certo que as narrativas das aparições e do sepulcro vazio são muito mais que signos da ressurreição ou construções simbólicas e teológicas. Mesmo admitindo o dado simbólico e teológico das narrativas, elas têm sua origem num fundo histórico que testemunham a favor da própria historicidade da ressurreição de Jesus.

4.5.3.

Edward Schillebeeckx e a historicidade do querigma

Ao tratar do tema da historicidade da ressurreição de Jesus, Schillebeeckx é um autor que assume uma postura intermediária entre a corrente liberal e a teologia querigmática. Ele insiste que a fé cristã deve ser acessível à razão histórica, que está centrada também no Jesus histórico. E faz parte de suas deduções teológicas a convicção da ressurreição pessoal de Jesus que antecede qualquer experiência motivada pela fé.

Tal como W. Kasper, também Schillebeeckx critica a postura clássica que quis dar um tom empírico-objetivo à ressurreição, usando as aparições e o relato do sepulcro vazio para provar aos crentes e não crentes que Jesus está, de fato, ressuscitado.

¹⁸⁵ W. PANNENBERG, *Fundamentos de cristologia*, p.123.

Schillebeeckx destaca as publicações, tanto no meio protestante como no meio católico, que chegam quase ao consenso em identificar a ressurreição de Jesus com a fé cristã pascal dos discípulos após a morte do mestre. Esses autores, principalmente R. Bultmann e W. Marxsen deixam dúvidas sobre uma questão: afinal, Jesus ressuscitou pessoalmente, e foi ele mesmo que, presente de maneira nova, realizou por sua própria força essa renovação na vida dos apóstolos?¹⁸⁶

A teologia querigmática tem o mérito de criticar qualquer tentativa de “objetivismo empírico”, em que se postula a possibilidade da ressurreição de Jesus fora do ato de fé, dispensando a experiência de fé.¹⁸⁷ Por outro lado, corre-se o risco de assumir um papel tão preponderante da fé, que ela mesma se torna a fonte da ressurreição de Jesus, independente do próprio Jesus. “Alguns teólogos-exegetas deixam a impressão de que a ressurreição e fé na ressurreição são idênticas: em outras palavras, que a ressurreição não teria atingido em nada a pessoa de Jesus, mas apenas os fiéis apóstolos.”¹⁸⁸

Dessa posição é que Schillebeeckx quer se afastar. Ele não está disposto a assumir que a ressurreição seja algo acontecido tão somente na consciência dos apóstolos. Tal posição é, no seu modo de compreender, bastante estranha à teologia do Novo Testamento e à tradição cristã.

Para Schillebeeckx, está mais do que demonstrado ser o querigma da ressurreição mais antigo do que os relatos elaborados acerca das aparições e sobre o sepulcro. E este último só têm sentido quando vinculado às primeiras. “A ressurreição de Jesus, isto é, o que aconteceu com ele pessoalmente após a sua morte, não se pode identificar com a experiência pascal dos discípulos pela fé; mas também a experiência pascal dos discípulos não pode ser separada dessa ressurreição.”¹⁸⁹

A ressurreição de Jesus é um acontecimento trans-histórico ou meta-histórico aberto aos olhos da fé. Dessa forma, Schillebeeckx quer encontrar uma via média entre o “objetivismo” e o fideísmo e, assim, afirmar que a ressurreição diz algo sobre Jesus, sobre Deus, sobre os discípulos e sobre nós mesmos.¹⁹⁰

¹⁸⁶ Cf. E. SCHILLEBEECKX, *Jesus: a história de um vivente*, p. 650.

¹⁸⁷ Postura da qual se aproxima bastante Pannenberg, por exemplo.

¹⁸⁸ E. SCHILLEBEECKX, *op. cit.*, p. 650.

¹⁸⁹ *Ibid.*, p. 651.

¹⁹⁰ Cf. T. LORENZEN, *Resurrección y discipulado*, p. 108.

Para expressar o que a ressurreição significa para os discípulos e, por extensão, para a comunidade dos crentes, Schillebeeckx introduz a categoria de “conversão”. É por essa categoria que se pode entender a “grande virada” pela qual passaram os discípulos ao confessarem que Jesus, depois de sua morte, era o Cristo.

Schillebeeckx é convicto em dizer que a ressurreição de Jesus precede toda a experiência de fé. Mais ou menos como Kasper, ele também quer salvaguardar os aspectos relevantes das duas principais correntes que o influenciaram. Parece complexo e improdutivo dizer que há um *non sequitur* entre o Jesus pré-pascal e o Cristo ressuscitado.¹⁹¹ Mesmo diante do caráter mítico das narrativas bíblicas, parece bastante claro que a intenção desses mesmos textos é a de mostrar a correlação entre o Crucificado e o Ressuscitado, numa perspectiva de identidade. Por outro lado, não é também sensato admitir, tal como faz Pannenberg, como evento historicamente verificável aquilo que os textos narram.

Para manter bem definida a sua posição, Schillebeeckx identifica a ressurreição de Jesus ligada intrinsecamente com a vinda do Espírito Santo. “A ressurreição de Jesus é, ao mesmo tempo também a vinda do Espírito Santo e a fundação da Igreja: a comunhão do ressuscitado com os seus aqui na terra. [...] A ressurreição de Jesus é a renovada união dos seus discípulos, o nascimento real da Igreja.”¹⁹² Dessa forma, a ressurreição pessoal de Jesus não é um gesto obscuro em si mesmo, é a sua manifestação como uma presença salutar expressa e experimentada na fé.

Schillebeeckx assume que os apóstolos, conhecidos de Jesus antes da sua morte, têm algo próprio que nunca poderá ser repetido no nível da experiência. Ainda assim, não existe uma distância tão grande no modo como nós podemos ascender à fé no Cristo e o modo como os discípulos de Jesus chegaram à fé. No seu modo de compreender, é exatamente dentro da experiência pascal da fé que se anuncia o acontecido com o próprio Jesus.

Para Schillebeeckx, a ressurreição de Jesus é: legitimação da ação de Deus na praxe de Jesus; a exaltação e nova criação, ou seja, vitória divina sobre a morte; e a missão do Espírito que funda a Igreja. São esses três aspectos

¹⁹¹ Ele mesmo usa a expressão “Crucificado ressuscitado” cf. E. SCHILLEBEECKX, *Jesus: a história de um vivente*, p. 649.

¹⁹² *Ibid.*, p. 652.

essenciais da ressurreição de Jesus que um cristão só pode compreender baseando-se na fé dentro da experiência eclesial.

Jesus foi ressuscitado por Deus dentre os mortos, e não pela fé dos discípulos. E estes experimentaram a ressurreição num processo de “conversão” como iniciativa da graça do próprio Deus. E essa conversão se deu no âmbito comum da experiência comunitária, formando o querigma da comunidade. Nesse sentido, não há provas históricas da ressurreição de Jesus, mas sobressai a convicção de que ela é a fonte inspiradora da fé, e não o contrário. Uma vez determinado esses pressupostos, Schillebeeckx assume que a historicidade da ressurreição é constatada no querigma.

4.5.4.

Joseph Moingt e a historicidade na presença do “corpo” do Ressuscitado

Moingt é um teólogo contemporâneo que também se vê obrigado a passar pela questão do Jesus histórico. A pergunta que brota naturalmente, em sua pesquisa, é se a fé na ressurreição de Jesus tem necessidade, ou não, de uma certeza histórica? Curiosamente, ele não pergunta pela historicidade da ressurreição em si mesma, e sim sobre a necessidade ou não de fundamentar a fé nesse evento, a partir dos dados históricos. Isso já deixa ver, mais ou menos, o caminho pelo qual o autor aborda tal questão que, no seu entender, ainda não está suficientemente resolvida.

Sua voz faz coro com Kasper e Schillebeeckx quando critica a teologia católica tradicional, mais ainda a partir do Vaticano I, em sustentar que as narrativas evangélicas são suficientes em fornecer uma certeza histórica sobre a ressurreição. Essa postura teológica gerou um vínculo de necessidade entre certeza da razão e fé. “Muito pronta a denunciar o orgulho do racionalismo incrédulo, ela nem sempre via bem claramente suas próprias pretensões à demonstrabilidade.”¹⁹³ Mesmo que sem querer, a consequência dessa postura, como já foi visto em Pannenberg, tende em retirar da fé aquilo que é seu fundamento.

¹⁹³ J. MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 229.

Por outro lado, Moingt não aceita todos os pressupostos da teologia de Bultmann, apenas tende a aproveitar alguns aspectos característicos dessa mesma teologia quando reflete acerca da ressurreição. Moingt não está muito disposto a debater sobre questões de natureza histórica, e prefere se ocupar das realidades mais evidentes. E a fé na ressurreição é uma delas. A verdadeira fé, a que obtém a salvação, não é o consentimento dado a um testemunho humano. Isso seria não mais que simples credulidade. A fé mesma é de outra ordem:

A fé pascal é aquela que “proclama que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.” (Fl 1, 11); ela não é a aprovação ao fato natural, mas ao fato provido de seu sentido pascal, aquele que Deus revela aos apóstolos quando os institui testemunhas da ressurreição de seu Filho.¹⁹⁴

Moingt se aproxima bastante da teologia de Moltmann, de quem assume a perspectiva da esperança e a aceitação de que a teologia “está em processo”. Essa constatação de dinamicidade da teologia é aplicada também ao tema da ressurreição: a compreensão desse evento está em processo, não só pela incapacidade de se chegar a definições precisas, como também pelo fato da própria ressurreição estar em constante processo. Um processo que precisa articular fé e razão:

Que se trate da fé ou da razão, a certeza não pode se reduzir a uma espécie de evidência experimental que suprimiria a possibilidade de dúvida para quem quer que seja; ela é julgamento do espírito, atividade sempre em exercício para formar e conservar suas convicções e repelir dúvidas contrárias.¹⁹⁵

É a partir dessa concepção dinâmica de Moltmann que Moingt dá um salto qualificativo para colocar a discussão da historicidade da ressurreição noutro nível, mais voltado para o engajamento. Em outras palavras, Moingt se preocupa mais com as consequências da ressurreição na vida dos crentes, do que o evento em si mesmo.

Muitos teólogos utilizam a fórmula já conhecida de que Jesus é ressuscitado no querigma da Igreja. Conforme observa Moingt, “seria dizer muito pouco se por esse meio compreendêssemos simplesmente que ele criou um dito sobre si mesmo, graças ao qual ele continua a viver na fé dos cristãos.”¹⁹⁶

A tradição cristã estabeleceu um vínculo bastante estreito entre identidade do Deus de Jesus Cristo e a fé na ressurreição da carne, o que faz pensar sobre a

¹⁹⁴ J. MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 300.

¹⁹⁵ *Ibid.*, p. 305.

¹⁹⁶ *Ibid.*, p. 330.

ressurreição do corpo. Moingt, embora seja do parecer de dispensar a necessidade de um corpo físico ressuscitado, entende que a teologia paulina do corpo, em 1Cor 15, 35-38, e a reflexão sobre a Igreja como corpo de Cristo são bastante pertinentes para refletir sobre a ressurreição.

Uma vez cumprida a sua expressão de sustentar a realidade do ser no mundo, o entendimento sobre o sentido do corpo não é desprezado, mas apoiado na reflexão paulina, é desenvolvido e ampliado, aberto à transcendência de uma forma plena e dirigido a universalidade. Semeado corpo psíquico, ressuscita corpo espiritual.

Ainda refletindo dentro da teologia paulina, Moingt diz que esse corpo ressuscitado é referência de uma unidade. A designação “corpo de Cristo”, que Paulo dá à Igreja, não é simples metáfora. A Igreja, ou a comunidade, é o corpo no qual Cristo retoma sua existência corpórea:

Portanto, podemos dizer que Cristo ressuscita “corporalmente”, no sentido de que exprime, ao longo da vida, sua existência histórica, corpórea e social em sua palavra, e que exprime essa palavra, no momento de morrer, ao mesmo tempo em Deus, que torna a lhe dar a vida, e na Igreja, à qual ele dá vida e na qual retoma corpo pelo fato de ser realmente articulada com o corpo social da Igreja.¹⁹⁷

No que se refere à historicidade da ressurreição, a reflexão feita por Moingt é indireta. Ele admite a identidade do Ressuscitado como aquele que foi crucificado. E também concebe a ressurreição como um ato de Deus. Porém, a realidade histórica da ressurreição só pode ser verificada nos seus efeitos que, definitivamente, marcaram a história. O corpo do Ressuscitado, que ganha forma no corpo eclesial, é a maneira pela qual a ressurreição se torna dinâmica e histórica.

4.5.5.

Andrés T. Queiruga e a historicidade da ressurreição na revelação de Deus

Por meio da pesquisa até aqui desenvolvida, podemos afirmar com segurança que Queiruga rejeita qualquer possibilidade de demonstração, entenda-se no nível empírico, da ressurreição de Jesus.

¹⁹⁷ J. MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 332.

Queiruga identifica, de forma positiva, a mudança epistemológica ocorrida na modernidade. Mudança que, inevitavelmente, atingiu a teologia, sobretudo a partir da crítica bíblica. Tal mudança exigiu novas formas de interpretar o texto bíblico que afetaram, sensivelmente, a compreensão da ressurreição, fazendo surgir situações conflitantes, bem diferentes da calma sobre a qual repousava, até então, a teologia tradicional, embasada na certeza dos dogmas. Queiruga é mais um, dentre os teólogos mencionados anteriormente, que faz suas críticas à teologia tradicional, não só pelo fato pretender sustentar a ideia de que os textos bíblicos pudessem figurar na qualidade de testemunhos históricos, mas também pelo posicionamento muitas vezes demasiado crítico em relação a novas tentativas diferenciadas de reflexão.¹⁹⁸

Para Queiruga, essa situação produziu, num primeiro momento, um efeito positivo: o evento pascal passa a ser interpretado de maneira mais insistente como acontecimento na fé e para a fé. A ambiguidade que surge, denuncia Queiruga, está no fato de radicalizar essa intuição interpretativa evitando o confronto com o dado histórico, criando uma espécie de “imunização da fé” frente à crítica. É desse contexto que surge a já conhecida postura de que a ressurreição de Jesus não é um acontecimento histórico.

Aparentemente, Queiruga não está disposto a assumir essa posição na sua totalidade. “Se a ressurreição é algo real para nós, tem que ser, de algum modo, acessível em nosso mundo e em nossa história.”¹⁹⁹ Contudo, é importante frisar isso, a acessibilidade do evento da ressurreição no nosso mundo não se refere ao acontecido em si mesmo, mas aos seus desdobramentos, esses sim, verificáveis na história.

Em certo sentido, Queiruga é devedor da teologia bultmanniana, que o ajuda a enxergar o forte tom mítico presente nos textos bíblicos, especialmente os que narram os milagres de Jesus e a sua ressurreição. Por outro lado há, em Queiruga, um otimismo que vai mais além de Bultmann porque, embora não admita esses textos na condição de provas históricas, ele os entende como construções teológicas de um evento que se manifesta na história.

¹⁹⁸ Essa obra que tem servido de base para nossa pesquisa apresenta já no primeiro capítulo dois casos emblemáticos que provam a maneira demasiado crítica, senão apaixonada, usada para defender posições tradicionalmente concebidas diante de novos enfoques. São citados como exemplos Willi Marxsen e Rudolf Pesch. Cf. A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 21-24.

¹⁹⁹ A. T. QUEIRUGA, *Repensar la cristología*, p. 165.

Definitivamente a ressurreição de Jesus não pode ser qualificada como fato histórico.²⁰⁰ Entretanto, dizer que um fato não é histórico, não significa negar sua realidade. A intenção é apontar para outra perspectiva não mundana, não empírica, muito menos verificável por meio dos sentidos, da ciência ou da história comum.

Então, ele insiste bastante nesse aspecto. E faz sentido dentro da lógica do seu pensamento. Sustentar a historicidade dos testemunhos bíblicos, não só da experiência da ressurreição, mas do fato em si mesmo, implica em renunciar o processo de demitificação desenvolvido pela crítica bíblica. Além disso, haveria que conceder um caráter de verificabilidade empírica aos relatos das aparições, por exemplo; e já vimos como isso é problemático dentro do esquema teológico que ele desenvolve. Por tudo o que já dissemos antes, essa é uma hipótese sem sentido. Por outro lado, assumir a ressurreição de Jesus nos moldes de Bultmann significa, também já sabemos disso, colocar todo o mistério da fé que sustenta a experiência cristã, numa linha de testemunho marcadamente subjetiva, desqualificando a ação de Deus.

Por isso, Queiruga trilha uma via intermediária, mais ou menos como Moingt e Kasper. Um caminho já conhecido pelos teólogos católicos principalmente. Ele insiste em sustentar que a experiência da ressurreição é real sem ser empírica. Se a ressurreição não fosse real, Cristo deixaria de ser quem é e sua mensagem perderia sentido, seria refutada.

A ressurreição em si mesma é um evento que escapa a qualquer verificação, algo bem típico da mentalidade cientificista, e nem por isso ela é alienada da história, porque seus efeitos são sentidos na história. Essa percepção se dá pelo fato de compreender a ressurreição como a maneira pela qual Deus continua se revelando.

A revelação de Deus é maiêutica histórica, não simplesmente um ditado arbitrário da parte de Deus intervindo no curso do mundo. Esse vislumbre teológico sobre a revelação é uma marca constante na teologia de Queiruga. É também sobre essa ótica que ele enxerga a ressurreição de Jesus: o modo de Deus continuar se revelando, chegando à plenitude e salvaguardando sua transcendência e respeitando nossa imanência. Por isso, a ressurreição é o ato de Deus que faz

²⁰⁰ Cf. A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 269.

continuar toda a vida de Jesus, uma referência a sua vida pré-pascal, e essa foi vivida dentro da coerência histórica como uma vida de revelação de Deus.

Há, então, um distanciamento daqueles que radicalizam a tese da impossibilidade de acessar o Jesus histórico e assumem que tudo o que se diz de Jesus é construído a partir da comunidade. Obviamente os textos bíblicos não são uma biografia de Jesus, e mesmo sendo construídos depois da experiência da Páscoa, certamente trazem a intuição fundamental da personalidade de Jesus. Para Queiruga, muito mais do que a “letra” do evento narrado, importa o sentido que pretende ser comunicado. Os textos bíblicos contam, no limite da linguagem e na ambiguidade dos símbolos, experiências reais com Jesus e nem, por isso, precisam ser fatos no sentido histórico.

Por ser revelação, que é sempre uma iniciativa de Deus, é preciso haver acolhimento por parte daquele que recebe essa revelação. Revelação é comunicação e, para ser frutífera, supõe o entendimento das partes. O que habilita o ser humano, cerceado pela sua realidade imanente, a acolher uma iniciativa de Deus, que é transcendente, ainda que se manifeste no mundo, é a fé. Mesmo que as verdades reveladas tenham suas raízes plantadas na história e sem recusar o apoio da razão, sua força e segurança vêm do seu campo específico: a fé. E isso não significa que a fé, acolhedora da ressurreição e de toda a ação reveladora de Deus, seja superior à razão. Da mesma forma, também não se admite que o ato de acreditar nessas realidades seja uma espécie de renúncia à razão.²⁰¹ A fé é o convite para a abertura gratuita que nem sempre permite entender tudo, mas possibilita aceitar, amar, e se comprometer.

É, então, possível concluir que a ressurreição de Jesus, ela em si mesma, não é um fato historicamente verificável. Os testemunhos bíblicos também não provam a empiricidade da ressurreição. No que se refere à ressurreição mesma, estamos dispensados de qualquer referência que aponte para a “materialidade” da coisa. Por outro lado, a ressurreição é histórica naquilo que atinge e transforma as realidades, quando acolhida como revelação de Deus. Ela se faz presente na história transformando a vida dos seus discípulos, como uma resposta no nível da fé, autenticada pela vida. A ressurreição é histórica porque transforma a história, não “de fora”, como uma intervenção, mas desde dentro, a partir do interior daqueles que fazem a história acontecer. E a ressurreição é histórica também

²⁰¹ Cf. A. T. QUEIRUGA, *Repensar la cristología*, p. 172.

porque, mesmo passados dois mil anos, ela se faz atuante, como o comprimento da expressão bíblica: “eu estarei no meio de vos até o fim do mundo”, (Mt 28, 20). E nós estamos na história, e não nos sentimos desamparados, mas envolvidos pela presença constante de Jesus. É nessa perspectiva que Queiruga assume a historicidade da ressurreição.

4.6. Conclusão

A pesquisa bíblica e teológica tirou a compreensão da ressurreição de Jesus da categoria de milagre. Disso resulta, contra o modelo teológico tradicional, que o testemunho bíblico não se resume a provar, dentro da história, uma intervenção pontual, no nível empírico, de Deus. Outrossim, a teologia está mais convicta de que a ressurreição aponta para uma realidade de encontro com o próprio Ressuscitado, cuja presença é percebida na sensibilidade da fé.

Sabemos que colocar tal questão no nível da fé pode gerar ambiguidades. Afinal, a síntese da teologia querigmática consiste justamente em determinar que Jesus está ressuscitado no querigma, fruto da fé pascal dos discípulos. Notamos o esforço da cristologia recente, nas referências de alguns autores que apresentamos, na tentativa de harmonizar essa questão.

Tanto em Queiruga quanto nos demais autores citados, é notável a influência da teologia de tendência mais liberal, valorizando o fato histórico da vida de Jesus; da mesma forma é possível identificar as marcas de uma teologia aos moldes de Bultmann, quando é assumida a impossibilidade de verificar historicamente o fato da ressurreição. Com exceção de Pannenberg, os autores que estudamos, assumem a historicidade da ressurreição. A ressurreição de Jesus, em si mesma, é uma iniciativa de Deus, marcada pela sua ação, o que salvaguarda a dinâmica ativa de Deus na ressurreição de Jesus. Na história se verifica seus efeitos concretos na vida dos discípulos, formando as comunidades eclesiais em torno dessa fé revelada. O que diferencia esses teólogos em relação a Bultmann? Basicamente, eles assumem, nas suas reflexões, a continuidade e a identidade entre Jesus, na sua vida terrena, e o Cristo, exaltado na ressurreição.

Parece que a cristologia recente busca, cada vez mais, o meio termo entre as antigas posições que já rivalizaram bastante entre si. A questão da historicidade da ressurreição não foi abandonada, apenas se encontra num processo de deslocamento, saindo do fato em si, para repousar nos seus desdobramentos no mundo.